

## ALFABETIZAR CRIANÇAS BILÍNGUES – UMA REFLEXÃO TRANSLINGUÍSTICA

Wagner Ferreira Angelo<sup>1</sup>

### RESUMO

É sabido que a crescente demanda de educação bilíngue no mundo também atinge e acaba por afetar o quadro educacional brasileiro. No tocante ao processo de alfabetização em língua portuguesa, as crianças bilíngues podem apresentar um desempenho diferenciado durante a leitura e a escrita de textos, pois, segundo alguns pesquisadores na área da psicolinguística do bilinguismo, ocorre algum tipo de influência (translinguística) entre as diferentes línguas faladas por uma criança devido às semelhanças/distinções entre os sistemas fonológicos de cada idioma que se complementam e se afetam. Com base na discussão teórica previamente apresentada, o presente trabalho tem como objetivo apresentar uma breve discussão sobre a interferência entre distintos sistemas linguísticos no aprendizado da leitura e da escrita por parte das crianças bilíngues. Para tanto, realizou-se uma reflexão teórica embasada nos parâmetros científicos de algumas pesquisas experimentais do campo da psicolinguística e da psicologia cognitiva do bilinguismo. Concluiu-se que a dificuldade no processo de alfabetização de crianças estrangeiras, residentes e matriculadas em escolas brasileiras pode ser amenizada com base na adequação da prática pedagógica ao funcionamento da aprendizagem a partir da perspectiva do processamento linguístico bilíngue.

**Palavras-chave:** Bilinguismo, Alfabetização, Translinguagem.

### INTRODUÇÃO

Apesar de as pesquisas apontarem que mais da metade da população mundial é bilíngue, não se configurando como um fenômeno raro (GROSJEAN, 2013), ainda é possível constatar a falta de produção científica sobre a temática do bilinguismo. A literatura estrangeira mostra a realização de pesquisas sobre processamento fonológico com sujeitos bilíngues (BIALYSTOK, 1991; WATSON, 1991), fornecendo caminhos para o desenvolvimento de estudos voltados à educação alfabetizadora nos meios escolares, incluindo o Brasil nesse cenário educacional.

No tocante ao processo de alfabetização em língua portuguesa, as crianças bilíngues podem apresentar um desempenho diferenciado durante a leitura e a escrita de textos ou mesmo no reconhecimento de palavras, pois, segundo alguns pesquisadores na

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, [w.angelo@hotmail.com](mailto:w.angelo@hotmail.com).

área da psicolinguística e psicologia cognitiva do bilinguismo, ocorre algum tipo de influência (translinguística) entre as diferentes línguas faladas por uma criança (Bialystok, 1991; Schwartz e Kroll, 2006) devido às semelhanças/distinções entre os sistemas fonológicos de cada idioma (PARADIS, 2001) que se complementam (GROSJEAN, 1989) e se afetam (SMITH, 1991).

Com base na discussão teórica previamente discorrida, o presente trabalho tem como objetivo apresentar uma breve discussão sobre a interferência entre distintos sistemas linguísticos no aprendizado<sup>2</sup> da leitura e da escrita por parte das crianças bilíngues.

Para tanto, de modo a contemplar o cumprimento do objetivo proposto, pretende-se realizar uma reflexão teórica (COHEN et al., 2008) embasada nos parâmetros científicos de algumas pesquisas experimentais do campo da psicolinguística e da psicologia cognitiva do bilinguismo.

Assim, a primeira parte deste trabalho tratará da caracterização do bilinguismo e de sua relação com a alfabetização para, por fim, ser apresentada a conclusão desta reflexão.

## **BILINGUISMO E ALFABETIZAÇÃO**

A educação de todas as crianças que residem no Brasil, seja em escolas públicas ou particulares, é prevista em lei (BRASIL, 1996), garantindo, dentre outros direitos, a educação linguística em língua portuguesa.

Estão incluídas nesse parâmetro legal não apenas as crianças nascidas em território brasileiro, mas também aquelas advindas de outras nações. Essas crianças, porém, por sua condição de estrangeiras – decorrentes do cenário global de constante imigração por diversos motivos de ordem política e social (BIALYSTOK e CUMMINS, 1991) – podem ingressar nas escolas de educação básica com algum (ou nenhum) nível de proficiência no português, carecendo aprender (em maior ou menor profundidade) a ler e a escrever em língua portuguesa.

---

2 A maioria dos estudiosos referenciados neste trabalho faz uso do termo “aquisição” no lugar de “aprendizagem” da leitura/escrita. No entanto, por acreditar na aprendizagem da linguagem escrita (que precisa ser sistemática e formalmente ensinada), diferenciando-se da aquisição da linguagem oral (COSTA e SANTOS, 2003; GROLLA e SILVA, 2014), optou-se pela adoção do termo aprendizagem ao longo das argumentações descritas doravante.

É sabido que a alfabetização nos anos iniciais envolve o trabalho pedagógico com a correspondência grafema-fonema, realizada explicitamente a partir da correlação entre decodificação fonológica, consciência fonêmica e princípio alfabético (GODOY e PINHEIRO, 2013; MORAIS, 2014). Dentre esses fatores cognitivos mínimos de aprendizagem associados à alfabetização o referente à consciência fonêmica ganha destaque pelo necessário estabelecimento de sua relação com o código escrito a ser aprendido por uma criança para se alfabetizar (DEHAENE, 2012). E é especialmente com a criança bilíngue que essa aprendizagem tende a chamar a atenção, pois a leitura na segunda língua ocorre de maneira mais lenta (BIALYSTOK, 2009).

Dentre outras razões, a mencionada dificuldade na alfabetização também é decorrente do tipo de bilinguismo que a criança se insere, ou seja, do contexto em que ela se apropriou dos idiomas que fala. Sobre esse ponto, Bialystok (1991) define a existência de dois tipos de bilinguismo que influenciam na relação sujeito e aprendizagem: o sequencial e o simultâneo. Em se tratando do bilinguismo sequencial, a criança aprende um segundo idioma posteriormente ao aprendizado de uma primeira língua. No segundo caso, no bilinguismo simultâneo, duas línguas são aprendidas concomitantemente. A autora ainda ressalta que, no bilinguismo simultâneo, um sistema fonológico ajuda o outro, mas é nessa interface linguística entre as línguas que ocorrem interferências de variadas ordens, dentre elas as de cunho fonológico; de modo complementar e conforme apontam Schwartz e Kroll (2006), atingindo sensibilidades fonotáticas no mesmo ritmo que os falantes monolíngues.

Ao encontro da ocorrência de translinguagem apontada por Bialystok, segundo Sebastián-Gallés e Kroll (2003), a criança bilíngue – ao desenvolver sua articulação e percepção da fala – apresenta facilidade em relação à aquisição e ao processamento de alguns fonemas de uma segunda língua, sendo outros fonemas particularmente mais problemáticos. Essas (in)adequações no processamento de alguns fonemas se inter-relacionam com a existência de dois sistemas fonológicos que, conforme sugerem os estudos experimentais, apesar de distintos, não são autônomos (PARADIS, 2001), mas sim sistemas únicos e complementares (GROSJEAN, 1989). Em outras palavras, eles não estão “[...] rigidamente separados e o conhecimento de um pode afetar o formato no outro” (SMITH, 1991, p. 17); especificamente, de acordo com Smith, na ocorrência do que ele denominou de translinguagem entre sistemas durante o processamento on-line de informações.

É possível constatar que o bilinguismo se configura enquanto um fenômeno complexo, cujos sujeitos cognoscentes participantes de sua realização são usuários de, pelo menos, duas ou mais línguas (GROSJEAN, 2013; SCHWARTZ e KROLL, 2006; SEBASTIÁN-GALLÉS e KROLL, 2003). Por conseguinte, essas línguas são utilizadas em contextos e para fins específicos, desencadeando, com isto, distintas proficiências entre seus usuários (GROSJEAN, 1989).

Não há, todavia, segundo Bialystok e Cummins (1991), evidências científicas de que essas proficiências ocasionam problemas agudos na alfabetização das línguas faladas por uma criança bilíngue. Pelo contrário, os autores indicam que há uma forte relação entre os níveis de alfabetização e o aprendizado de uma primeira e segunda línguas, havendo, em verdade, para Schwartz e Kroll (2006), a influência de uma sobre a outra.

Diferentemente da modalidade oral, que se vale de um habilidoso e complexo planejamento e produção de sequências sonoras (SEGALOWITZ, 1983) ricas em entoação, gestos e contextos não linguísticos, na modalidade escrita, as crianças se deparam com um conjunto de palavras separadas umas das outras que, além disso, são formadas por letras que representam sons (ELLIOT, 1983). Estudos comprovam que o reconhecimento dessas letras (decodificação) por um bilíngue o leva a elencar informações sobre as palavras em duas (ou mais) línguas, contribuindo com a velocidade e precisão no desempenho em leitura (SEBASTIÁN-GALLÉS e KROLL, 2003).

Por outro lado, evidências mostram que os sistemas alfabéticos, “[...] em que caracteres individuais geralmente representam sons individuais dentro de uma palavra” (HARRIS e COLTHEART, 1987, p. 10), por mais que apresentem a mesma ortografia em diferentes línguas, as suas bases fonológicas raramente são compatíveis e acabam influenciando no desempenho do reconhecimento de palavras entre os sistemas de processamento em L1 e L2 (SEBASTIÁN-GALLÉS e KROLL, 2003). Essa situação é exemplificada por Sebastián-Gallés e Kroll, como segue:

[...] quando o mesmo fonema existe nos dois idiomas, o bilíngue não deve ter nenhum problema em processá-lo. [...] No entanto, os bilíngues devem enfrentar significativas dificuldades de processamento e aprendizagem quando um fonema específico em um idioma compartilha apenas algumas semelhanças com o fonema de outros idiomas que conhece. Nesse caso, a relativa semelhança

perceptiva pode ou não permitir a existência de dois fonemas (um para cada idioma) ou a criação de uma categoria intermediária, resultante da mistura das propriedades de cada fonema. Uma consequência desse último caso são as dificuldades particulares que muitos bilíngues experimentam ao perceber contrastes na L2, inexistentes na L1, quando esse contraste implica em dois fonemas mais ou menos equidistantes ao único fonema na L1. (SEBASTIÁN-GALLÉS e KROLL, 2003, p. 287)

A descoberta exposta acima por Sebastián-Gallés e Kroll parece atritar com o anteriormente apresentado posicionamento de Bialystok e Cummins (1991) anteriormente apresentada a respeito da mútua relação de complementariedade na aprendizagem da leitura e da escrita na L1 e L2 de crianças bilíngues, pois o resultado da relação entre os sistemas linguísticos de dois idiomas pode ser conflitante e interferir significativamente do aprendizado de uma dessas línguas..

A partir desse contraste entre as facilidades ou dificuldades encontradas na alfabetização de crianças bilíngues, é possível retomar os estudos sobre a alfabetização da criança monolíngue e observar que quaisquer problemas na alfabetização são decorrentes do “[...] déficit da habilidade de identificação da pronúncia e do significado das palavras escritas e/ou das capacidades linguísticas e cognitivas necessárias para compreender a linguagem oral” (MORAIS, LEITE e KOLINSKY, 2013, p. 18).

Esses mesmos problemas observados na educação da criança monolíngue também são observados naquela que é bilíngue. A exemplo do ensino da escrita de um idioma que recai sobre a consciência fonológica de cada criança, resguardadas as suas bagagens ou especificidades (psico e socio)linguísticas, levadas em consideração durante o aprendizado da relação fonema-grafema para codificar. Além disso, como apontam Harris e Coltheart, é preciso levar em conta as diferentes formas que os sistemas de escrita assumem, bem como suas implicações em “[...] nossa compreensão sobre o aprendizado e uso qualificado da linguagem escrita” (HARRIS e COLTHEART, 1987, p. 10).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprender a ler e a escrever é um direito de todas as crianças. E, dada a referida abrangência legal, ele também engloba as crianças bilíngues residentes em solo brasileiro. É, todavia, preciso destacar não apenas os preceitos legais que envolvem a

educação das crianças, mas, de igual modo, as especificidades de aprendizagem que elas demandam.

Por essa razão, a alfabetização carece de uma ampliação de olhares, cujo foco repouse sobre os conhecimentos básicos de como o processamento linguístico ocorre para um estudante monolíngue e um bilíngue. Com isto, os diferentes públicos estudantis que frequentam a escola poderão ser contemplados em seu modo de conceptualizar sua língua primeira (materna) em relação a uma língua segunda (estrangeira), tornando-se consciente de suas estruturas grafofonêmicas.

A partir desse modo de conceber a educação alfabetizadora, possíveis dificuldades de aprendizagem podem ser minimizadas, pois acaba-se: (i) contemplando o idioma materno em relação ao (e não em detrimento do) estrangeiro; (ii) estabelecendo práticas pedagógicas adaptadas a um público bilíngue específico; e, dentre outros viáveis ganhos, (iii) gerando novos conhecimentos translinguísticos apontados por profissionais da educação com base em experiências linguísticas intrínsecas a contextos de ensino-aprendizagem diversos.

## REFERÊNCIAS

BIALYSTOK, Ellen. **Bilingualism in development** - Language, literacy, & cognition. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

\_\_\_\_\_. Introduction. In: BIALYSTOK, Ellen. (Org.). **Language processing in bilingual children**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 01-09.

\_\_\_\_\_.; CUMMINS, J. Language, cognition, and education of bilingual children. In: BIALYSTOK, Ellen. (Org.). **Language processing in bilingual children**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 222-232.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lex: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), Brasília, 1996.

COHEN, Louis; MANION, Lawrence; MORRISON, Keith. **Research methods in education**. New York: Routledge, 2008.

COSTA, João; SANTOS, Ana Lúcia. **A falar como os bebés** – O desenvolvimento linguístico das crianças. Lisboa: Caminho, 2003.

DALVA, Godoy; PINHEIRO, A M. V. O que sabemos sobre a contribuição da consciência fonêmica para a aprendizagem inicial da leitura e da escrita. In: ROAZZI, Antonio; SALLES, Jerusa Fumagalli de; JUSTI, Francis Ricardo dos Reis. (Orgs.). A

**aprendizagem da leitura e da escrita:** Contribuições de pesquisa. São Paulo: Editora Vetor, 2013. p. 09-30.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura** – Como a ciência explica nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso, 2012.

ELLIOT, Alison J. **Child language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

GROLLA, Elaine; SILVA, Maria Cristina Figueiredo. **Para conhecer a aquisição da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2014.

GROSJEAN, François. Bilingualism: A short introduction. In: GROSJEAN, François; LI, P. (Orgs.). **The psycholinguistics of bilingualism**. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2013. p. 05-26.

\_\_\_\_\_. Neurolinguists, beware! The bilingual is not two monolinguals in one person. **Brain and language**, n. 36, p. 03-15. 1989.

\_\_\_\_\_. Studying bilinguals: Methodological and conceptual issues. **Bilingualism: Language and Cognition**, n. 01, p. 131-149. 1998.

HARRIS, Margaret; COLTHEART, Max. **Language processing in children and adults:** An introduction. New York: Routledge & Kegan Paul, 1987.

KUO, Li-Jen; UCHIKOSHI, Yuuko; YANG, Xinyuan. Bilingualism and phonological awareness: Re-examing theories of cross-language transfer and structural sensitivity. **Contemp. Educ. Psychol.**, n. 46, p. 01-22. 2016.

MORAIS, José. **Alfabetizar para a democracia**. Porto Alegre: PENSO, 2014.

MORAIS, José; LEITE, Isabel; KOLINSKY, Régine. Entre a pré-leitura e a leitura hábil: condições e patamares da aprendizagem. In: MALUF, Maria Regina; CARDOSO-MARTINS, Cláudia. **Alfabetização no século XXI** - Como se aprende a ler a escrever. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 17-48.

PARADIS, Johanne. Do bilingual two-year-olds have separate phonological systems?. **The International Journal of Bilingualism**, vol. 05, n. 01, p. 19-38. 2001.

SCHWARTZ, Ana I.; KROLL, Judith F. Language processing in bilingual speakers. In: TRAXLER, Matthew J.; GERNSBACHER, Morton Ann. (Orgs.). **Handbook of psycholinguistics**. Estados Unidos: Elsevier, 2006. p. 967-1000.

SEBASTIÁN-GALLÉS, Núria; KROLL, Judith F. Phonology in bilingual language processing: Acquisition, perception, and production. In: SCHILLER, Niels O.; MEYER, Antje S. (Orgs.). **Phonetics and phonology in language comprehension and production** - Differences and similarities. New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 279-317.



SEGALOWITZ, Sidney J. Language as a mental organ or mental complex. In: SEGALOWITZ, Sidney. J. (Org.). **Language functions and brain organization**. Orlando: Academic Press, 1983. p. 01-04.

SMITH, Michael Sharwood. Language modules and bilingual processing. In: BIALYSTOK, Ellen. (Org.). **Language processing in bilingual children**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 10-24.

WATSON, Ian. Phonological processing in two languages. In: BIALYSTOK, E. (Org.). **Language processing in bilingual children**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 25-48.